

Escassez de investimentos ESG atrai fundos europeus ao Brasil

País pode faturar com projetos ambientais e sociais; entidade de Luxemburgo estima ampliar aportes em R\$ 86 tri

DE SÃO PAULO

A demanda por investimentos em ativos com propósito ambiental, social e de governança (ESG, na sigla em inglês) entre investidores europeus deve aumentar em € 15,9 trilhões (R\$ 86,6 trilhões) até 2026, segundo estimativa da Associação Luxemburguesa de Fundos de Investimento de Luxemburgo (Alfi).

No final do ano passado, o total de recursos alocados por investidores institucionais europeus em ESG somava € 3,7 trilhões (R\$ 20,15 bilhões) e a previsão é que chegue a € 19,6 trilhões (R\$ 106,76 bilhões).

Os fundos de pensão e as seguradoras europeias, que respondem por 46% dessa demanda, já percebem uma escassez de oferta de instrumentos financeiros geridos sob esses três critérios para atender as exigências de práticas e compromissos ambientais assumidos pelos governos europeus.

“Os investidores estrangeiros querem e esperam que o Brasil ofereça produtos de investimento de impacto”, diz o diretor do segmento de administração de ativos e fortunas da PwC e presidente do conselho da Alfi, Jefferson Oliveira.

Produtos de impacto de preservação e regeneração de floresta, assim como relacionados ao crédito de car-



Parque eólico de São Miguel do Gostoso (RN): fundos europeus podem investir em títulos que destinam recursos a investimentos sustentáveis

bono, geram grande interesse entre os fundos de investimento europeus.

Oliveira lembra que poucos países oferecem essa capacidade de geração de ativos como o Brasil e o mercado de capitais brasileiro tem uma oportunidade de ouro de se tornar uma referência na oferta de ativos de impacto ambiental e social. Além

do Brasil, outro polo de geração de ativos de impacto é o sudeste asiático, especialmente Indonésia, Vietnã e Bangladesh.

Além disso, empresas que emitem combustíveis fósseis ou têm algum tipo de impacto ambiental, para demonstrarem maior compromisso com o ESG, poderão usar esses instrumentos fi-

nanceiros para apoiar iniciativas mais sustentáveis ou realizarem parcerias e investimentos nessa área.

Nesse sentido, a Alfi tem desenvolvido alguns projetos com agentes financeiros brasileiros. Um desses parceiros é o Grupo Gaia, que está estruturando a oferta na Europa um Certificado de Recebível do

Agronegócio (CRA) em dólar a ser emitido por uma empresa que atua no segmento de orgânicos.

O sócio do Gaia, João Pacifico, diz que a ideia foi aproveitar o foco do investidor europeu predominantemente na questão ambiental para agregar impacto positivo social ao projeto. (Estadão Conteúdo)